



**Universidade de Brasília**  
**Departamento de Teoria e Literaturas – TEL**

**Amanda Alves Fonseca**

Professor Orientador: Dr. Alexandre Simões Pilati

**Estudo crítico sobre o Pré-modernismo em  
livros didáticos usados no Ensino Médio de  
Brasília**

BRASÍLIA, 2014

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar a escola literária conhecida como Pré-modernismo e expor uma análise comparativa entre os livros didáticos Literatura Brasileira e Português-Linguagens 3 usados no Ensino Médio, demonstrando como esse período é reproduzido e explicado. Primeiramente, tem-se um quadro geral das atividades literárias do final do século XIX, perpassando pelo problema que o próprio termo Pré-modernismo carrega; os principais autores e a série de peculiaridades encontradas neste período. Após tal introdução, tem-se uma análise de como o período é tratado pelos livros didáticos em questão.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Pré-Modernismo, Educação.

## **ABSTRACT**

This article aims to present the Literary School known as Pre-modernism and present a comparative analysis of the textbooks “Literatura Brasileira” and “Português-Linguagens 3” used in high school, showing how this period is played and explained. First, there is an overview of the literary activities of the late nineteenth century, bypassing by the problem that the very term carries Pre-modernism; the main authors and the number of peculiarities found in this period. After this introduction, there is an analysis of how the period is treated by textbooks in question.

Keywords: Brazilian Literature, Pre-Modernism, Education.

## **1. INTRODUÇÃO**

No Brasil, entre os anos de 1880 e 1890, o quadro literário do país se tomou por duas correntes literárias: o Parnasianismo e o Simbolismo, sendo ambas muito censuradas pelos principais críticos literários. O artigo terá Antônio Cândido como referência devido ao seu extenso trabalho de análises em relação à Literatura brasileira. Temos, então, o Parnasianismo como uma corrente marcada

pela regressão, por ser considerada uma literatura voltada e preocupada excessivamente com a forma, deixava a parte um dos aspectos mais importantes de que a literatura pode trazer consigo: o valor social que ela representa. Com base nesse aspecto, o movimento parnasiano era preferido entre as elites brasileiras da época justamente por enfatizar que as ideias se subordinam à forma.

Citando Antônio Candido:

“A busca da perfeição pela correção gramatical, a volta dos clássicos e o rebuscamento marcam uma posição de tipo aristocrático e constituem um traço saliente da fase que vai dos 1880 até a altura de 1920, correspondendo a um desejo generalizado de elegância ligado à modernização urbana do país, sobretudo sua capital, Rio de Janeiro. Do ponto de vista da Literatura, foi uma barreira que petrificou a expressão, criando um hiato largo entre a língua falada e a língua escrita, além de favorecer o artificialismo que satisfaz as elites, porque marca a distância em relação ao povo; e pode satisfazer a este, parecendo um terreno reservado”. (Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes/ Antonio Candido. – 3. ed.– São Paulo :Humanitas/ FFLCH/USP, 1999. Página 61.)

Como podemos notar neste trecho, o Parnasianismo representa a dualidade a qual o Brasil vivia: dividido entre uma elite que ansiava modernidade; em contrapartida, a forma como buscavam esta ascensão era baseada em ideias totalmente retrógradas diante de seu contexto.

Como dito no começo do texto, eram duas correntes, sendo a outra o Simbolismo. Uma literatura que surge para ir contra as ideias propagadas pelos poetas parnasianos. Os simbolistas tentam trazer à tona um novo tipo de literatura, sem preocupação com a forma, utilizando-se de versos livres - que eram permeados de vocabulários místicos - e de imprecisão, que eram características marcantes dos principais autores simbolistas da época. Essa literatura, que se desenvolve nos "bastidores" do Parnasianismo, é também uma literatura de teor vazio; os autores que pouco preocupados em relatar as realidades sociais eram, de fato, pessoas com pouco ou nenhum engajamento político.

"O Simbolismo brasileiro poderia ter sido, e foi na intenção de alguns dos seus adeptos, uma contracorrente inconformista, batendo em brecha o formalismo triunfante dos parnasianos e dos oradores consagrados. Mas, apesar dos intuitos, conservou muita coisa deles e teve a pouca sorte de ser praticado por poetas e prosadores na maioria medíocres, não merecendo representar os fermentos de reforma contidos na sua atitude estética". (Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes/ Antonio Candido. – 3. ed.– São Paulo : Humanitas/ FFLCH/USP, 1999. Página 62)

Mas as influências desse período não são todas negativas, o Parnasianismo, por exemplo, era uma cultura acadêmica, que, por ser validada pelas elites, acaba por influenciar e impulsionar a semana de 22. Já o Simbolismo, por suas características ousadas quanto à estética, influencia algumas das mudanças que ocorreram em seguida também.

Portanto, em meio a esse meio, surgem no começo do século XX autores que rompem com essas linhas literárias; obras que vão ser enquadradas em diversos gêneros; isso é, então, o Pré-modernismo. Para analisar tal período, primeiro faz-se necessária uma análise mais profunda sobre o termo que identifica as obras desses autores.

É possível que se criem duas interpretações diferentes para o termo Pré-modernismo: a primeira sendo uma análise baseada na cronologia e a segunda como antecipação do que foi o próprio Modernismo.

Partindo agora da análise cronológica, seria então toda e qualquer produção datada no final do século XIX, que é o período que marca o final das escolas literárias Parnasianismo e Simbolismo. Já a análise feita a partir do termo "pré," remete-nos a uma ideia de que está se adiantando, de forma prematura, o Modernismo. As duas análises, apesar de se originarem de pontos de partida diferentes, corroboram com o que, de fato, é o Período: uma fase de transição e de mudanças; é marcante o fato de que o Período carrega uma inconformidade com o passado e deseja romper com essa "Literatura decadente" que estava sendo produzida.

"A eleição cada vez mais consensual do termo Pré-Modernismo revela a maior aceitação da primeira hipótese. Via de regra, os historiadores da literatura, responsáveis por seus rótulos, preferem caracterizar um período de transição como aquele no qual as tendências passadas mal

resistem ao sopro da renovação”.( Bastos, Alcmeno. *Poesia brasileira e estilos de época*. 3. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. Página Um.)<sup>1</sup>

Não é objetivo principal do artigo se aprofundar na questão da nomenclatura ou do movimento em si, o foco está em como essa escola literária é apresentada no livro didático “Literatura Brasileira”. Portanto, partindo da afirmação de que o Pré-modernismo é a reunião de autores e obras que pouco têm em comum, entre si, tanto na estética, forma ou foco dos assuntos abordados; falar de características comuns entre esses autores é difícil – no entanto, não torna impossível encontrar aspectos em comum nas obras.

O período histórico precursor da Semana de Arte Moderna trouxe uma literatura social de análise. Podemos notar nos autores dessa fase um olhar para a realidade brasileira, uma espécie de redescoberta do Brasil, que traz à tona tipos marginalizados pela literatura oficial. O caráter regionalista e o documental são muito presentes.

A linguagem é peça chave desse período. Diferente da tentativa de ruptura modernista, os autores se prendem aos padrões do século XVIII.

Os grandes polos do Brasil se modernizavam, o Rio de Janeiro já via os trilhos do bonde, e greves gerais eclodiam. No interior havia a seca e a fome. O retrato da miséria do sertanejo e do desespero, além da modernização, é o que marcam a obra desse período.

O período Pré-Modernista tem como maiores representantes Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos. Cada um com suas peculiaridades e estilo. Os autores representaram o interior do país, as mazelas do homem e da terra em suas obras. Para poder exemplificar a diversidade mencionada, serão citados os principais autores, mencionados aqui neste parágrafo, e suas obras. Não é de interesse deste artigo se aprofundar no histórico e obras de todos os artistas.

Lima Barreto, diferente dos outros autores que eram regionalistas, é um autor urbano, fala do Rio de Janeiro, porém seu foco é o subúrbio carioca, contendo mulato, tocador de viola, a mocinha sonhadora, o jornalista pobre, ou

---

<sup>1</sup> Consta do capítulo: Introdução ao Pré-Modernismo.

seja, os tipos não tratados pela literatura oficial. Pode-se notar que suas obras são marcadamente críticas e permeadas de denúncia social. A sua linguagem se diferencia também por não usar a linguagem mais rebuscada e sim a coloquial, ele intencionalmente usa esta linguagem bastante despojada. Foi bastante rejeitado e acusado pela crítica na época, porém sua postura era de irreverência e crítica à intelectualidade acadêmica da época.

Um dos principais romances de Lima Barreto é o Policarpo Quaresma, no qual ele faz uma crítica profunda ao nacionalismo messianista reinante desde o período do Romantismo, que aparece na figura de Policarpo Quaresma, que apaixonado pelo Brasil acaba sendo obrigado a enxergar a verdade. Ele se encanta com o governo de Floriano Peixoto, mas se decepciona ao encarar a realidade do Brasil na época, morre acusado de trair a pátria que tanto amava.

Monteiro Lobato entra aqui não como o Monteiro do sítio do pica-pau amarelo, mas com o que é chamado de “literatura adulta”; com seus livros de contos. São três fundamentais: Cidades mortas, Negrinha e Urupês. Nessas obras, Monteiro Lobato foca nas situações das cidades pequenas do interior São Paulo, do caboclo, do caipira que vive naquela região. Regiões extremamente ricas na época do café, porém com um povo que vive em situação de miséria pobreza e abandono, ele cria o personagem Jeca Tatú- famoso no Brasil inteiro - símbolo de homem pobre, miserável, que não tem acesso à educação e à saúde; Monteiro Lobato por meio de suas argumentações desmascara a realidade brasileira.

Apesar dessa visão nacionalista e progressista, Monteiro demonstra resistência às mudanças estéticas, basta lembrar do artigo que escreveu no ano de 1917, nomeado “Paranoia ou Mistificação?”. Uma crítica contundente a uma das primeiras exposições de arte moderna que ocorreu no Brasil, sendo ela a exposição da Anita Malfatti; nesse artigo, ele critica duramente as mudanças que estão surgindo, a arte moderna e o modernismo; o interessante é que esse artigo contrário às mudanças acaba servindo de uma espécie de estopim para o movimento.

Do ponto de vista estético, da linguagem e da estrutura, ele era mais tradicional/conservador, usa então uma linguagem bastante arcaica, e as estruturas dos contos também apresentam essa característica.

De outro lado, Augusto dos Anjos vem com uma poesia marcada por uma formação bastante cientificista a qual mostra uma visão materialista da existência, portanto acaba sendo marcada pelo pessimismo. Sua poesia remete a ideia de que não existe saída para o ser humano, só existe esta vida com todas as suas tragédias. O autor traz uma espécie de angústia existencial. Usa uma linguagem não tradicional na poesia, pois utiliza um léxico complexo, permeado de termos científicos, provocando mal-estar na crítica oficial da época; mas antecipando algumas posturas modernistas, já que a ideia era incorporar/trazer para a poesia as impurezas, sujeiras da vida.

Teve um único livro, publicado em 1912, chamado “Eu”. A temática da morte é absolutamente recorrente, mas a morte no seu aspecto físico: a degradação, a decomposição dos corpos; por isso muitas vezes essa poesia é acusada e chamada de “grotesca”, mas com um cuidado formal muito grande, resgatando um elemento parnasiano, dizendo respeito à métrica e à rima.

Toda a marca do pessimismo é o resultado da concepção cientificista típica do século XVIII marcada pela formação do autor; entretanto, apesar da inovação que diz respeito a outros assuntos, carrega características parnasianas como a métrica e rimas impecáveis.

Euclides da Cunha focaliza o interior da Bahia, no sertão. Sua obra mostra a situação de miséria e abandono que vivia o sertanejo da época. Euclides foi enviado pelo Jornal do Estado de São Paulo para cobrir a guerra de Canudos, ele percebe que um artigo no jornal não seria suficiente para tratar daquele tema, passa então a tentar entender a guerra para explicá-la. Começa a pesquisar teorias sociológicas para se aprofundar, ele se inclina para o determinismo, a partir dessa teoria, ele estrutura seu trabalho Os Sertões.

O Sertão é uma obra Sociológica, Geográfica, Histórica e Crítica Humana, é dividido em três partes: A terra, o Homem e a Luta. A terra é um estudo científico e geográfico da região, o meio que determina o comportamento do homem. O

homem vai ser a parte do livro dedicada ao estudo deste homem sertanejo, é o estudo da miscigenação racial que compõe o povo brasileiro. Somente na terceira parte, ele narra a guerra, o confronto desigual da sociedade “arcaica” contra o exército representado por um “Brasil sofisticado”.

A obra na verdade não fala de ficção ou de romance, mas é um trabalho de caráter científico. O que converte esta obra em Literatura é o tratamento artístico que Euclides da Cunha imprime ao assunto e a linguagem, que é altamente sofisticada, permeada de metáforas e barroquismos, tornando possível que a produção fique no âmbito da literatura.

## **2. LIVROS DIDÁTICOS E A LITERATURA**

O livro didático, como o próprio nome nos diz, é para uso exclusivo escolar, é uma forma de entender de onde o aprendizado deve partir e aonde ele irá finalizar; tem como função também auxiliar tanto o professor quanto o aluno. Para o professor, ele será como um guia do que deve ser estudado; já para o aluno, o livro se torna uma ferramenta na qual ele terá acesso ao conteúdo ministrado a hora que necessitar. Um livro didático que seja completo deve apresentar recursos visuais nos quais os conteúdos e as atividades estejam bem apresentados e organizados.

Existem algumas vantagens no uso do livro didático. O professor poupa tempo em sala de aula, pois ele não deve escrever extensos textos em um quadro; e o aluno, em vez de ficar copiando, deve só acompanhar a explicação. O livro tem como pretensão também em aperfeiçoar o tempo do professor em relação a planejamento, o professor deve se preocupar com a forma com a qual ele explicará o conteúdo, pois a seleção de temáticas, textos e exercícios ficam por conta do livro. Há também desvantagens no uso, uma das maiores críticas aos livros didáticos é que o professor acaba ficando “preso” àquela ferramenta; que muitas vezes não apresenta utilidade devido à falta de organização, ausência de textos significativos e exercícios que não estimulam muito o aluno.



Na Literatura, a maior crítica em relação ao uso dos livros é que eles, de certa forma, acabam “engessando” o conteúdo, pois o conteúdo se prende a alguns padrões que acabam minando a criatividade do que o professor possa vir trabalhar em aula, impondo uma limitação de temas e formas de interpretação dos textos e obras; sendo assim, o livro - aliado a uma má utilização - pode eliminar a criatividade que um texto literário deve apresentar.

Atualmente tem-se estudado e pesquisado bastante sobre o assunto, do uso ou não desse material em sala de aula. Existe uma polarização de estudiosos que se colocam contra ou a favor do uso, porém o livro didático - na prática - está em uso; deve-se, portanto, debater a questão da forma do conteúdo e dos planos pedagógicos que são apresentados nesses livros. O presente artigo pretende debater, no âmbito da Literatura, o tema Pré-modernismo nos presentes livros selecionados.

### **3. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS LIVROS “LITERATURA BRASILEIRA –TEMPOS, LEITORES E LEITURAS” E “PORTUGUÊS – LINGUAGENS 3”**

#### **3.1. INTRODUÇÃO AO CONTEÚDO**

Para a análise foram selecionados os seguintes livros: Literatura Brasileira-Tempos, leitores e leituras, de 2005, editora Moderna, autoria de Maria Abaurre e Marcela Pontara, e Português-Linguagens 3, de 2008, editora Atual, autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. O primeiro é um livro de volume único, que, se escolhido pela escola, vai perpassar os três anos do Ensino Médio. A unidade de análise será a sete, em específico o Capítulo vinte e três. O segundo livro é o terceiro de uma série, é exclusivamente voltado para o terceiro ano do Ensino Médio.

O livro Literatura Brasileira possui uma seleção de textos que abordam tanto o contexto histórico como os de teor literário, tem por objetivo situar historicamente o momento da escola literária, mas traz vários textos que favorecem a reflexão dos alunos, principalmente acerca da condição do Nordeste.

O livro marca o período como transição, sendo que ele conserva algumas características das tendências anteriores e adianta algumas do Modernismo; sendo assim, a abordagem utilizada para o termo é a cronológica.

Há um contexto histórico do país, de como estava a situação econômica e política da época do Período literário, ressaltando a diferença social, a necessidade da elite da época em se equiparar à Europa, e a questão da exploração da borracha e do café. Traz também algumas mudanças notáveis da época, como a questão da produção industrial e de sua distribuição, evidenciando a facilidade que os autores encontravam para produzir e propagar suas obras; apontando a proximidade que há da literatura com o jornalismo na época. Existe também uma parte que destaca como foi a recepção do público às obras, dando ênfase a como essa receptividade foi inesperadamente boa.

No começo do capítulo, é trabalhada a questão da diversidade do país, característica que os autores da época sentiram necessidade de mostrar, logo o livro define os artistas como vozes dessas diferentes situações brasileiras. Citando o próprio livro:

“Olhar para o Brasil, nesse momento, significa ver um país multifacetado, onde pequenas zonas de prosperidade e riqueza convivem com vastas extensões mareadas pela pobreza. O desafio da literatura será representar esses contrastes.”

Página 470.

Apesar de o livro apresentar um contexto histórico completo do período e ser permeado de textos literários sobre o assunto, com perguntas que levam o aluno a pensar e refletir sobre os assuntos, este conteúdo é apresentado de forma confusa. A distribuição dos temas é muito aleatória, sendo que várias vezes a situação nordestina é apresentada isoladamente. Os textos literários apresentados, apesar de terem sido bem escolhidos, acabam sendo postos de forma arbitrária; assim, o aluno não encontra uma ligação entre o tema que estava sendo tratado com o texto.

Em comparação ao livro apresentado, temos Português-Linguagens 3. Este também trabalha com a ideia de que o movimento é uma espécie de adiantamento do Modernismo, colocando o Pré-Modernismo como uma fase de transição.

Diferentemente do primeiro livro, ele tem uma abordagem menos historicista, explicando o movimento a âmbito da Literatura, o que acontecia no meio artístico e político que influenciavam as obras, depois parte para a questão regionalista da época, explicando que a novidade dessa época será a atenção que os autores vão dar à realidade brasileira (que os parnasianos tanto ignoraram) e a busca de uma linguagem mais coloquial e próxima das camadas mais baixas da sociedade, porém enfatiza que não serão todos os autores que irão trabalhar assim.

Distanciando-se bastante do livro anterior, Português – Linguagens 3 não irá trabalhar um contexto histórico amplo do país, mas irá apresentar o contexto histórico a qual cada autor se encontrava. Então, após uma breve introdução ao tema, o livro já parte para o autor Euclides da Cunha.

### **3.2. AUTORES**

Euclides da Cunha é o primeiro autor escolhido pelos dois livros para ser trabalhado. O livro Literatura Brasileira coloca uma breve biografia do autor e já começa a tratar do livro Os Sertões. Os autores falam que o livro é de difícil classificação, sem explicar o porquê, só completam dizendo quais são as características que o tornam possível de ser considerado texto literário também. Perpassa também pelas questões deterministas e regionalistas. Logo após terminam explicando a estrutura do livro e o que é a linguagem barroco-científica usada nele. Em contrapartida, o livro Português- Linguagens 3 escolhe trabalhar com maior precisão a vida do autor, o contexto histórico vivido pelo Nordeste, e, em específico, o que foi o movimento de Canudos; porém, o livro Os Sertões é pouco trabalhado e explicado, contendo apenas um parágrafo para explicá-lo.

Lima Barreto é o próximo autor tratado nos livros. No caso de Literatura Brasileira, mantém-se a forma de trabalhar, uma breve biografia do autor e logo em seguida trabalha as três obras: Isaías Caminha, Clara dos anjos, e Policarpo Quaresma. Tem também um resumo com maior precisão sobre a vida e história do autor em um quadro a parte, como se fosse curiosidade. Nos dois primeiros livros, é trabalhada a questão do preconceito, característica marcante nas obras de Lima Barreto; na parte em que explica o livro Policarpo Quaresma, a ênfase se

dá na divisão entre o real e o ideal, o que seria ideal para um idealista da sociedade brasileira, mas a desilusão do que é o real. Já Português-Linguagens 3 continua também com sua mesma abordagem de detalhar a vida do autor, trabalha só uma obra dele, que é Policarpo Quaresma; mas no caso dessa obra, eles conseguem apresentar uma explanação mais completa que também aborda a diferença entre o ideal e o real.

Monteiro Lobato é o terceiro autor tratado. Em Literatura Brasileira, nós temos um resumo sobre como a carreira dele se iniciou e uma menção ao seu personagem mais famoso o “jeca tatu”. Aqui se tem novamente um quadro a parte em que aparece uma biografia mais completa de Monteiro. Após a introdução, o livro trata do autor como a voz do interior de São Paulo, em específico o Vale do Paraíba, trazendo um retrato histórico da situação e um trecho de um conto de “Cidades Mortas”, como isso era representado. Português - Linguagens 3 mantém sua forma de trabalhar nos dando um quadro de maior precisão sobre a vida do autor e suas obras. Apesar de não trabalhar com obras específicas de Monteiro, o livro pontua as características do autor. Uma das maiores diferenças entre os dois livros analisados em relação a esse autor, é que Português-Linguagens 3 cita e explica um pouco sobre a literatura infantil produzida por Monteiro, aspecto que é ignorado no outro livro.

Augusto dos Anjos é o último autor a ser tratado. Em Literatura Brasileira, ele é posto como um poeta singular, por sofrer influências Simbolistas, Naturalistas e Parnasianas; aqui podemos encontrar novamente um quadro separado contendo a história de vida do autor. O livro trabalha suas principais características em dois tópicos: o primeiro tendo como temas a angústia e o pessimismo de suas obras, e o segundo sobre a linguagem científica que é usada e os símbolos que o autor usa. O livro Português – Linguagens 3 tem a biografia do autor como introdução, porém no mesmo tópico ele já trabalha as características da obra do autor.

### **3.3. EXERCÍCIOS**

Literatura Brasileira apresenta seu primeiro exercício somente no momento em que termina de introduzir o conteúdo, antes de trabalhar detalhadamente cada autor, temos um exercício de um fragmento do conto de Lima Barreto “A nova Califórnia”. O exercício tem como objetivo levar o aluno a refletir sobre a contextualização histórica do Brasil naquele momento. Os próximos exercícios serão todos ao final de cada autor trabalhado; segue um padrão em que se têm fragmentos das principais obras e exercícios que irão levar o aluno a trabalhar as características literárias de cada um.

Português – Linguagens 3 tem o primeiro exercício no meio da introdução do conteúdo, sendo que o exercício é uma análise comparativa entre 4 trechos: Três pertencentes a Os Sertões e o outro sendo um texto de Saramago sobre o livro; o exercício tem por objetivo mostrar vários ângulos da mesma situação. Após esse exercício, teremos então os exercícios dedicados a cada autor que será trabalhado. Não muda em quase nada do que foi abordado em Literatura Brasileira; em que o padrão é colocar trechos das principais obras previamente citadas; mas, nesse livro, a reflexão é tanto do contexto histórico como das características literárias.

O ensino de Gramática ainda aparece muito atrelado à fixação de regras, sem que se busque, no mais das vezes, entender as razões e a estrutura da língua, adquirir consciência da competência que se tem. O ensino destina-se à aprovação no vestibular, de forma que os alunos têm de decorar as regras e, portanto, têm pouquíssimas possibilidades para pensar a língua portuguesa.

As aulas de redação são vinculadas e presas aos gêneros textuais, sendo que a produção textual dos alunos muitas vezes exige uma capacidade crítica ou de argumentação que não é desenvolvida de forma suficiente nos anos antecedentes, ou seja, no Ensino Fundamental. Assim, os estudantes mostram-se despreparados e incapazes de produção textual de boa qualidade, vez que são incapazes de elaborar bons argumentos, de concatenar ideias, de ter domínio do nível padrão da língua, de introduzir ou concluir seu raciocínio. As aulas de redação da 2ª série foram particularmente impressionantes nesse sentido.

Neste contexto, ao que parece, o número de aulas de português deveria ser repensado. Apenas a aula quinzenal de interpretação de texto e as duas aulas de literatura, duas de gramática e uma de redação por semana não parecem ser suficientes para o desenvolvimento da capacidade linguística esperada de alunos do Ensino Médio. Some-se a isso o fato de a disciplina interpretação de textos ser quinzenal, não ser objeto de avaliação e não propor tarefas para realização em casa. Ou seja, aparentemente a noção de que é lendo e escrevendo que se aprende a ler e escrever não é aplicada.

As professoras, em sala de aula, em regra, adotam a postura de detentoras do saber, talvez por ser esta uma maneira de se impor frente aos alunos e deles obter o respeito necessário ao controle da disciplina em sala, talvez por ser essa a postura esperada dos profissionais da área. Mesmo na disciplina de interpretação de texto, em que os alunos são instados a pensar sobre os temas propostos e realizar questionamentos, a exposição acerca dos temas em sala é tradicional, isto é, os estudantes são expostos aos dados em postura passiva. E, diante da cultura escolar a que são expostos desde o Ensino Fundamental, possuem reduzida capacidade crítica, formulam poucos questionamentos e têm dificuldade de formar opinião e fundamentar suas posições.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através de um breve estudo e análise do período Pré-modernismo e seus principais autores se pode fazer uma descrição analítica dos livros didáticos selecionados. Esta investigação levou a algumas conclusões, mas também levantaram questões que devem ser ainda estudadas e refletidas.

Como a literatura ganhou espaço em meio ao ensino, por fazer parte do currículo do Ensino Médio, passa a ter uma nova função que é a pedagógica, portanto a literatura tem a necessidade de se estruturar melhor, passando a ter formalidades e exigências em seu uso. O uso do livro didático para a matéria literatura veio como um aliado, pois atualmente as escolas consideram que os textos em si já não são o suficiente para contemplar o ensino da matéria. O uso

deles tem o lado positivo, que é o de alcançar o maior número de pessoas que não tem contato com as obras, nem com a história da literatura; sendo assim há possibilidade de conseguir se criar uma ligação entre o jovem e a literatura.

Os livros selecionados possuem características boas e outras que devem ser mais trabalhadas, portanto é possível levantar questões e reflexões acerca da produção destes livros e seu uso em sala de aula; já que no artigo também é abordado à questão de sua real necessidade de uso.

Devem-se refletir as formas como são colocadas às obras e os autores para os alunos se estão sendo ideais e efetivas, pois o que temos são contextualizações históricas e trechos das principais obras das quais são exigidas análises estudadas previamente no livro. A indagação é se este tipo de estudo está sendo plenamente satisfatório, tanto para os alunos como para a própria literatura.

Este material não deve prejudicar o uso dos próprios textos literários, mas sim um material somatório, o qual apresente inúmeras formas de produções, discussões e análises sobre o contexto histórico-literário.

Os livros que foram analisados apresentam o conteúdo de forma interativa, dinâmica, relacionando muitas vezes com outras disciplinas. A seleção de autores seguem os principais modelos de ensino da literatura oficial. Já as obras selecionadas são apenas citadas, não é trabalhada hora nenhuma com profundidade; lembrando que por isso o uso do livro deve ser associado sim ao texto literário. Há pouco incentivo a leitura ou uma exploração do texto literário.

A relação que existe entre literatura, ensino e material didático é, portanto confusa e em sua grande maioria com usos equivocados, passando assim a ter função somente de transportar informações para que o aluno seja capaz de realizar provas de vestibulares. Esta falha permanecerá se a Literatura continuar a não ser vista como um todo, sem ter espaço definido pelos Parâmetros Educacionais e sem ser valorizada. As escolas e professores precisam exigir livros didáticos que tragam conteúdos de qualidade nos quais sejam reforçadas a natureza e propriedades estéticas das obras; pois primeiro é necessário denominar a literatura para que esta tenha função.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABAURRE, MARIA LUIZA M., PONTARA, MARCELA. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**. São Paulo: Moderna, 2012.

BASTOS, ALCMENO. **Poesia brasileira e estilos de época**. 3. Ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

CÂNDIDO, ANTÔNIO. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**/ Antônio Cândido. – 3. ed.– São Paulo : Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CEREJA, WILLIAM ROBERTO e MAGALHÃES, THEREZA COUCHAR. **Português: Linguagens, 3ª**. Série. Editora Atual. São Paulo, SP. 2014.